

Maria da Natividade Pires*

BRILHO E SOMBRA EM MATILDE ROSA ARAÚJO

Claro/Escuro, Luz/Sombra são dicotomias frequentes em diversas manifestações artísticas, destacando-se, em termos periodológicos, o caso do Barroco. Ora, a criação literária de Matilde Rosa Araújo não poderia estar mais afastada, sobretudo ao nível da linguagem, deste movimento, já que se caracteriza por um “estilo quase minimal” (Gomes, 1995, 31). No entanto, brilho e sombra, em Matilde, são referências de uma profunda riqueza estética, sensorial e emotiva, mas transmitida numa linguagem depurada, de uma sensibilidade admirável.

Escolhi três das suas obras, com características muito diferentes (duas narrativas e um livro de poemas) para abordar este tópico: **O Palhaço Verde**, de 1962, **As Fadas Verdes**, de 1994, e **O Capuchinho Cinzento**, de 2005. Estes textos estão também separados, cronologicamente, por longos períodos temporais – sobretudo o 1º e o 3º, quase meio século.

O Palhaço Verde é a juventude; **O Capuchinho Cinzento**, a velhice. Entre os dois,

As Fadas Verdes – voz adulta que recorda a infância.

N’**O Palhaço Verde**, os olhos, o coração, as mãos, o riso são características luminosas. Os primeiros são estrelas, o coração é ouro, o riso é como o sol. A roupa do palhaço é cheia de cor e brilho: calças vermelhas, casaco vermelho e verde, sapatos amarelos, luvas brancas, chapéu verde, “da cor dos prados, antes de as papoulas nascerem como pingos de sangue”. Até a cama do rapaz tem uma manta de muitas cores e ele, feliz, diz que “parece um campo de flores”. A juventude do palhaço transborda em tudo o que lhe diz respeito, até nos pulos, nas cambalhotas. As suas gargalhadas são luminosas (“o riso também pode ter luz”).

Todas as outras personagens que fazem parte do universo do circo estão também do lado da cor, da luz, do brilho: a rapariga de saia de folhos cor-de-rosa, que monta um cavalo branco; a D. Esperança que usa saia e xaile amarelo; a menina Flor, de olhos azuis e caracóis castanhos dourados; o Senhor Fumo, cujo cabelo preto brilha; as crianças do público, que sorriem como estrelas e cujas vozinhas, finas ou fortes, são “todas luminosas”. Até os objectos são coloridos e têm brilho: o piano é negro e brilhante, o saxofone é dourado, as

luzes brilham por todo o lado e os bilhetes do circo são cor de laranja ou verdes.

Durante o espectáculo, olhando Juju, a rapariga da saia de folhos, que sorria e “era toda luz na escuridão”, o palhaço descobre que algo de novo enche o seu coração – algo a que “os homens grandes chamam Amor”. Mas percebe, rapidamente, que os olhos de Juju brilham mais quando o Senhor Fumo está em palco fazendo magias. O jovem palhaço descobre, quase ao mesmo tempo, o Amor e a desilusão... mas, quando percebe que o menino pobre que ele vira no meio do público se aproxima, levanta-se de um pulo, afastando a **sombra** que começava a inundá-lo e “todo ele, Palhaço, seria sol para encher o coração do menino pobre!”. Saltava e ria, “com duas lágrimas trementes sobre as estrelas dos olhos” e o rapazinho pobre estendeu ao palhaço uma flor de papel como se a tirasse de dentro do coração. Então, apesar de o verde do chapéu ser agora “de um verde menos tenro, da cor verde dos prados quando as papoulas já nasceram como pingos de sangue”, a juventude amadurecida não perde o seu brilho...

Em **As Fadas Verdes**, temos no 1º poema o verde e o negro (da Floresta e das cinzas); a noite e o dia, em “As Flores de Jacarandá”, a noite associada à branda viola e ao vinho doce, o dia associado à branda flauta e à água clara. O rosmaninho, a tangerina, a papoila, a romã, a pinha, a flor, as folhas, a árvore são uma sequência de cor e luz nestes poemas de Matilde Rosa Araújo. O poema “A Amiga da China”, assim como o poema que encerra o livro (“Porquê?”), é aquele que mais nostalgia transmite, entrelaçando brilho e laivos de sombra:

Tangerina que tanges
O Sol do meio-dia
És cara de menina
Com pintas de alegria

Teus gomos perfumados
Tua pele tão fina
Tangerina tão doce
Que vieste da China

Quando ia para a escola
Teu perfume nas mãos
Teu perfume no bibe
Nos cadernos. No pão.

Tu eras tão bonital
Eu era tão meninal
Que saudades eu tenho
Minha amiga da Chinal

Deixando a flora e passando para o universo da fauna, há poemas sobre a cegonha, a garça, a rola, o lagarto, a rã, o sapo, a formiga, a borboleta e todos os animais apreciam o sol. Também o brilho dos passaritos de cristal (que hão-de ser recorrentes em **O Capuchinho Cinzento**) aparecem aqui, no poema “Romã”.

A Lua, o Sol e as estrelas são referências constantes, sendo a Lua, por exemplo, referida como uma “foice brilhante”. Assim, O Sol e a Lua, a noite e o dia, o céu e a terra são dicotomias que na poesia de Matilde se anulam, para envolver tudo no brilho que a vida tem.

O último poema de **As Fadas Verdes**, “Porquê?”, deixa-nos com uma visão de um mundo em que podemos fazer tudo ao invés e redescobrir o brilho que inunda o universo:

Com as mãos sobre a terra
Fiz o pino e vi peixes de prata no céu
Estrelas de ouro sobre o mar
O céu era verde e azul
E o mar verde e azul também
Remavam remadores
No mar e no céu
Anjos e pescadores
(...)

Os últimos versos, no entanto, deixam um laivo de nostalgia – retomando a recordação da Mãe, recorrente em vários textos:

Porque dormes minha Mãe
E me embalas a sonhar?

Esta sombra não abafa, no entanto, o riso de todos os meninos e meninas que povoam os seus poemas, nem a luz dos seus olhos.

Lembremos os passaritos de cristal do poema “Romã” – eles fazem parte de um brinquedo de Natal oferecido a um menino. Em **O Capuchinho Cinzento**, os passaritos de cristal andam em volta da cabeça da narradora, contando uma história que ela não entende. Às referências cromáticas alegres e garridas dos textos anteriores sobrepõem-se as sombras do bosque, o verde escuro do musgo, o cinzento das vestes deste Capuchinho. Mas quem é a narradora desta história? Gradualmente, ela identifica-se com o Capuchinho Cinzento, que foi outrora o Capuchinho Vermelho e cuja história os pássaros lhe querem lembrar. A narradora diz: “Eu só vejo a Velha do Capuchinho Cinzento muito perto, muito perto de mim. E vejo um Lobo com botas de espinheiros a caminhar, a caminhar, a caminhar...”. Cada uma destas frases surge no canto superior esquerdo da página esquerda do livro, sendo ambas as

páginas, a da direita e a da esquerda, completamente ocupadas por um grande plano dos olhos do Lobo.

Cromaticamente, a sombra inunda as páginas, mas alguns pequenos brilhos infiltram-se na sombra que começa a transparecer no texto:

Viram um dedal brilhante
no dedo da Velha de Capuchinho Cinzento?

(...)

E diz a Velha:

– Sabem passaritos? Eu oiço
a Velha de Capuchinho Cinzento cantar!
Com uma voz trémula,
já um pouquinho rouca.
Mas entoada e doce como
quando tinha o capuchinho vermelho.
(...)

Mas o lobo aproxima-se e a imagem que o representa revela uns dentes ameaçadores. A voz de um narrador extradiegético alterna com a da velha, contando que o lobo avança e a velha já vai ficando cansada. Ela senta-se numa pedra e adormece. Está escuro e “só o dedal brilha no dedo do Capuchinho Cinzento, mágico e brilhante como a lágrima de uma estrela.” E o lobo chega-se mais à pedra, “os olhos de luzeiros, uma bocarra mostrando alguns dentes agudos, ameaçadores”. A voz do narrador extradiegético interfere, assumindo-se como voz feminina, dialogando com os pássaros: “– Ai, passaritos de cristal, **eu própria** que estou a escrever aqui na minha mesa, dentro de casa, tenho medo.” Mas o improvável acontece: “– O Lobo vem, vem de manso até à Velha adormecida. E pára, deslumbrado. Os seus olhos são luzeiros de ternural”. O lobo “lambe o dedal, estrela do Sol” e a velha acorda e sorri. Na ilustração,

a mão da velha, afagando o lobo, reflecte-se nas pupilas dela que invadem a totalidade da superfície das páginas do livro: "O Sol acaba de nascer e, em raios antigos bailando, celebra este reencontro".

Luz e sombra, brilho e escuridão confundem-se. A história termina aqui, podendo considerar-se o texto na página seguinte uma espécie de pós-fácio em que os passaritos de cristal voltam a ser os interlocutores do narrador(a):

– Passaritos de cristal,
Digam-me se sou eu que estou a sonhar,
Ou se é o Capuchinho Cinzento que sonha.
Delicados passaritos de cristal,
São vocês que cantam a resposta a esta pergunta?
Ou é a Lua que dançou no céu?
Ou (...)
(...)
Cantem! Cantem!
Não deixem de cantar,
Voar,
Para esta história, de claros segredos,
nunca acabar...

É este o grande mistério – quais são os claros segredos? Que mistério encerra esta antítese? O Capuchinho Cinzento e o Lobo ficaram amigos, serenamente? Ou este entendimento é tão perfeito que este Capuchinho pode ser engolido pelo Lobo num reencontro total de fusão dos dois? Ou, numa outra fase da vida que não a do Capuchinho Vermelho, os dois descobrem uma outra forma de encarar as relações entre os seres?

Com uma irreverência juvenil, a autora pisca o olho ao leitor, a quem parece propor mais uma versão subversiva da história tradicional,

para depois lhe "trocar as voltas" e contar algo completamente diferente.

Matilde escreve esta história numa fase da vida que nos permite pensar numa identificação entre autor e personagem, sobretudo porque em muitos dos seus textos, ao longo dos anos, a marca autobiográfica é assumida. E, curiosamente, o cinzento do capuchinho da velha, que podemos encarar como o lado da sombra, não anula o brilho do dedal.

Num conto onde, aparentemente, predomina a sombra, eis que o brilho se sobrepõe... até ao fim... e os passaritos de cristal irão sempre cantar, voar, "para esta história de **claros** segredos, nunca acabar..."

Fica-nos, brilhando, a esperança da eternidade...

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Matilde Rosa (1998 [1962]). **O Paíço Verde**. Lisboa: Livros Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1993). **As Fadas Verdes**. Porto: Livraria Civilização Editora.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (2005). **O Capuchinho Cinzento**. Prior Velho: Paulinas Editora.
- GOMES, José António (1995). "Para uma fada verde chamada Matilde". **Matilde Rosa Araújo**. Porto: Livraria Civilização Editora.

* Professora Coordenadora da
Escola Superior de Educação
de Castelo Branco